

Gênero, sexualidade, raça, colonialidade e interseccionalidade no contexto do trabalho de Bibliotecários

Gender, sexuality, race, coloniality and intersectionality in the context of Librarians' work

Eduardo Natan Pena
Vitória Pedron Barros

Levando em consideração que, no campo da biblioteconomia e nas ciências da informação, a construção, geração e organização do conhecimento estão diretamente influenciados pelas normas culturais e sociais estruturalmente impostas no contexto em que vivemos, o profissional bibliotecário se coloca nesse cenário como agente essencial na disseminação e mediação das informações, dados e conhecimentos que disponibiliza ao seu usuário de forma democrática e socialmente contextualizada na realidade.

Essa realidade, em que estamos inseridos, encontra-se estruturalmente permeada por diversos obstáculos e barreiras, impostas por questões que são foco de atenção da sociologia na contemporaneidade, mas que também estão fortemente ligadas ao desempenho do papel social dos profissionais da informação. As bibliotecas e arquivos desempenham um papel essencial na preservação da memória coletiva e na garantia de acesso a informações verificáveis. Em um cenário de pós-verdade, em que as informações podem ser manipuladas para atender a interesses políticos ou ideológicos, os profissionais da área de Ciência da Informação precisam adotar práticas éticas de curadoria e mediação de informações, levando em consideração diversas nuances e contextos que envolvem conceitos trabalhados na disciplina de Introdução à Sociologia, e que urgentemente precisam ser tratados e contextualizados dentro das bibliotecas e locais de acesso à informação, como questões de gênero, sexualidade, raça e interseccionalidade.

Esses fatores devem ser levados em consideração tanto no estudo dos usuários quanto na curadoria do material disponível nos acervos, ressaltando a necessidade de uma bibliografia diversa que atenda a todas as categorias de pessoas e suas subjetividades.

Considerando que “Perceber a existência da ordem do gênero é fácil; compreendê-la, não. Há teorias conflitantes sobre gênero, hoje... e alguns problemas relativos ao gênero são genuinamente difíceis de serem resolvidos. Ainda assim, temos uma grande riqueza de conhecimentos sobre gênero, advinda de décadas de pesquisa, e um repositório de experiências práticas do que constitui uma reforma no gênero. Temos uma base melhor do que qualquer geração anterior jamais teve para compreendermos as questões de gênero (Connell e Pearse, 2014)”, percebemos que as questões de gênero, além de formarem um grande número de materiais e conteúdos já existentes e disponíveis para incorporação em acervos e bibliotecas, também englobam todas as áreas e são de extrema importância na construção de centros de informação e na disponibilização aos usuários pelos serviços de referência, que geralmente são o ponto de acesso à informação.

Entender que fazemos parte dessa mediação e que toda a construção acadêmica e cultural foi estruturada por uma lógica masculina e branca torna o processo de democratização do acesso à informação e ao conhecimento, contextualizando as diferenças e desigualdades de gênero, um foco principal na ação de mediação com o usuário. Ao confrontarmos bibliografias dominadas por uma perspectiva masculina e feitas por homens, com materiais acadêmicos produzidos por pessoas que fogem da lógica do homem cisgênero heterossexual, cabe ao bibliotecário inserir nas suas estantes e acervos, tanto físicos quanto online, uma diversidade de produções feitas por pessoas que estão além do homem estruturalmente aceito e dominante. Segundo Connell e Pearse (2014), “O poder das estruturas na formação da ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar. No entanto, os arranjos de gênero estão sempre

mudando, conforme as práticas humanas criam novas situações e as estruturas se desenvolvem, tendendo à crise.

Por fim, o gênero teve um começo e pode ter um fim.” Dentro desse contexto, o profissional da biblioteconomia, como agente de construção do conhecimento, precisa estar alinhado com a contemporaneidade e por dentro dos fenômenos sociais que determinam a formação de novos acervos e a manutenção dos já existentes.

Além das questões de gênero, também podemos destacar assuntos contemporâneos amplamente discutidos e em pauta na construção de conhecimentos, como a pauta da raça e da colonialidade, que precisam ser trazidas para dentro e no centro das discussões da área de Ciências da Informação. O entendimento da raça como uma construção social coloca a Biblioteconomia e a Ciência da Informação em uma posição estratégica para repensar as formas de organização do conhecimento. A classificação racial tem sido historicamente usada para excluir ou marginalizar grupos, especialmente aqueles afetados pela colonialidade. A forma como a informação é organizada em bibliotecas, arquivos e sistemas de dados pode reforçar ou desafiar essas hierarquias. Sabe-se que, em sua grande maioria, acervos e bibliotecas dispõem de bibliografias e materiais informacionais majoritariamente pensados, idealizados e escritos por pessoas brancas, que ocupam, dentro dessa organização social desigual, uma posição injusta e infundada de superioridade e importância intelectual. Essa lógica de disponibilização e organização do conhecimento, pautada exclusivamente em estruturas racistas pré-existentes e mal fundamentadas, perdura na atualidade, inclusive dentro de ambientes acadêmicos e universitários.

Levando em consideração que “A raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social. Em outras palavras, a raça se relaciona fundamentalmente a um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a

distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social (Gonzales e Hasenbalg, 2022)”, não podemos ignorar o fato de que a geração de conhecimento e o acesso à informação também são impactados por esses fatores. O bibliotecário contemporâneo encontra nessas questões um desafio relacionado ao acesso à informação e à produção de conhecimentos. Pessoas que fogem da norma da branquitude não apenas não possuem acesso à informação de maneira igualitária e democrática, como também não têm suas obras ou publicações priorizadas na disponibilização de bibliografias para os usuários dos serviços de bibliotecas. A fundamentação teórica e a capacitação do profissional bibliotecário para lidar com essas questões sociais tornam-se um exercício imprescindível e contemporâneo à sua atuação.

Ao analisarmos todos os desdobramentos possíveis das questões de gênero, raça, sexualidade e colonialidade, chegamos a um ponto crucial na discussão sobre a atuação do bibliotecário frente a esses desafios sociais: a interseccionalidade. Sabe-se que a interseccionalidade traz à tona desdobramentos e contextos únicos advindos de corpos que concentram mais de um dos marcadores que causam a marginalização de indivíduos. Portanto, a interseccionalidade torna-se um ponto importante de partida para o profissional da informação ao analisar seu usuário e suas necessidades. Utilizar o princípio e o conceito de interseccionalidade ao determinar o acesso à informação do usuário é uma ferramenta analítica valiosa, mesmo sabendo-se que “Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica é difícil, precisamente porque a própria interseccionalidade é multifacetada. Como visa entender e analisar a complexidade do mundo, a interseccionalidade requer estratégias importantes (Collins)”.

Diante dos desafios da sociedade contemporânea e com base nas leituras e ensinamentos repassados na disciplina de Introdução à Sociologia, percebemos a importância de um saber crucial entre os profissionais de bibliotecas e disseminadores da informação: o saber social. Estar inserido de forma analítica, crítica e articulada na sociedade em que vivemos certamente nos garante, como

profissionais, uma inserção mais inclusiva e justa no mercado de trabalho e na sociedade. Trabalhar com informação é uma responsabilidade social que implica o conhecimento dessas questões e desdobramentos; portanto, é essencial ao profissional o alinhamento e entendimento dessas estruturas sociais como base do exercício do ofício, para que a democratização e universalização do conhecimento seja igualitariamente distribuído a todos, independente de suas composições de raça, gênero, sexualidade e classe.

Referências

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Gênero: uma perspectiva global. Tradução da 2. ed. São Paulo: Editora nVersos, 2014.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.